
Possibilidades ou limites da memória dos jovens: a história oral e a técnica metodológica Grupos Focais

Possibilities or limits of memory of young: the oral history and the technical methodology Focus Groups

Carina Santos de Almeida*

Resumo: A pesquisa qualitativa, apesar de não ser estatisticamente representativa, exerce com singularidade seu papel nos estudos sociais à medida que investiga em profundidade a sociedade e seus atores. É nesse contexto que a metodologia da História Oral e a técnica metodológica *Focus Group* vêm desvelar as memórias de sujeitos sociais. Assim como podem ser utilizadas para pesquisar grupos sociais e étnicos, a partir de “velhos” ou de “adultos”, a História Oral e os Grupos Focais podem servir às pesquisas sobre a categoria juventude, evidenciando que as questões de memória e de história permeiam as narrativas juvenis e expõem as possibilidades ou limites da transmissão da herança patrimonial e do diálogo intergeracional. Os jovens, da mesma forma que os velhos e adultos, possuem memórias e carregam a experiência histórica e geracional em suas narrativas, sobretudo, quando as histórias e as memórias familiares sofrem deslocamentos de espaço e de tempo, como no caso dos processos migratórios.

Palavras-chave: História Oral. Grupos Focais. Memória juvenil.

Abstract: Although not statistically representative, the qualitative research is very particular by doing its role at the social studies as it deeply investigate the society and its actors. In this context, the Oral History methodology and the *Focus Group's* methodological technique starts exposing the social subject's memories. The Oral History and the *Focus Group* can be used to research social and ethnic groups, from “old” or “adult”, and also can serve the research on the youth category, evidencing that the memory and history subjects permeate the youth narratives and expose the patrimonial heritage and the dialog between generation's limits or possibilities. The young, as the old and adults, has memories and bring along historical and geracional experiences in their narratives, overall, when the familiar history and memories suffer place and time displacement, as in the migratory process.

Keywords: Oral History. Focal Groups. Youth memory.

* Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Pesquisadora no Centro de Pesquisa sobre Desenvolvimento Regional (Cepeder) da Unisc.

Introdução

A História Oral é uma metodologia muito empregada nos estudos de memória e considera tanto a experiência individual como a coletiva. Da mesma forma como ocorre com a narrativa de velhos e adultos, a memória juvenil evidencia a articulação entre passado e presente, porém, a narrativa de jovens acrescenta a perspectiva de futuro. Portanto, o jovem, ao narrar a sua história e as suas memórias de vida, que são diminutas se comparadas às de velhos e adultos, demonstra as possibilidades e os limites da herança patrimonial, assim como do diálogo intergeracional. É nesse contexto que a memória de jovens é significativa, pois expõe a fragilidade das relações familiares e indica o grau de conhecimento histórico e mnemônico transmitido pela parentela.

O que diferencia uma pesquisa de jovens daquela realizada com velhos e adultos são, sobretudo, os objetivos e os resultados esperados pelo pesquisador, mas não se pode desejar encontrar contornos definidos numa trajetória de vida curta como a juvenil, mas, por outro lado, os jovens são herdeiros da trajetória familiar e, na maioria dos casos, narram a (in)satisfação social, que pode ser sua ou de seus pais.

Se a História Oral consegue captar a perspectiva mnemônica de seus narradores, principalmente através da entrevista individual, independentemente da categoria geracional, a técnica metodológica *Focus Group* é capaz de amplificar as vozes e apresentar os consensos e dissensos de grupos. Os velhos e adultos estão, na maioria das vezes, desprendidos das influências de categoria devido à trajetória individual consolidada, mas os jovens estão balizados pela referência “juventude”. Assim, este artigo pretende apresentar as possibilidades e os limites da memória de jovens, a partir da metodologia da História Oral e do auxílio da técnica metodológica de grupos focais (pouco empregada nos estudos de história e memória no Brasil). A memória e a história juvenil, aqui destacadas, são decorrentes da experiência migrante familiar, portanto, os jovens narradores, situados no tempo e no espaço de uma cidade de porte médio do Rio Grande do Sul (Santa Cruz do Sul), testemunham sobre os deslocamentos humanos, aqui compreendidos como processo migratório.

A História Oral e Grupos Focais: a pesquisa qualitativa em foco

A entrevista de História Oral é, antes de mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes. (ALBERTI, 2005, p. 178).

A metodologia da História Oral

O objetivo da pesquisa social não pode ser o de pretensamente explicar a realidade em si ou apenas descrever os fatos *reais*. Comumente, a pesquisa social busca traduzir as relações ocorridas no cotidiano para outra linguagem, a linguagem científica, visto que toda a elaboração de textos deve ter consciência da distância que separa a interpretação da realidade, pois os *fatos* são socialmente construídos. Ainda assim, o relato de sentidos, a ideia de explicar certa realidade, representa a narração da narração, sendo um ponto crítico do desafio metodológico introduzido pela pesquisa qualitativa, ou a pesquisa social. (MELUCCI, 2005).

A conhecida História Oral pode preencher lacunas de memória, história, identidade e cultura dos atores sociais. Essa metodologia emergiu do convívio urbano, se aparelhou de critérios para além das entrevistas consagradas após a Segunda Guerra Mundial e nasceu na Universidade de Colúmbia, em New York, no ano de 1948, a partir do projeto *The Oral History*, desenvolvido pelo professor Allan Nevis, quando então foi montado um arquivo e empregado o conceito *oral history*.

A performance da História Oral se deu a partir dos anos 60 e 70 (séc. XX), nos Estados Unidos e se consolidou com a *Oral History Association* (OHA). Contudo, foi a partir dos estudos em História Oral realizados pelo historiador Paul Thompson (1992), um dos maiores expoentes teóricos sobre o tema, a partir da década de 60 (séc. XX), no Departamento de Sociologia da Universidade de Essex, na Grã-Bretanha, que se firmou decisivamente o movimento interdisciplinar da História Oral, influenciando, inclusive, pesquisadores norte-americanos. (FERREIRA, 1994; FREITAS, 2006; MEIHY; HOLANDA, 2007).¹

O uso difundido da expressão “história oral” é novo, tanto quanto o gravador; e tem implicações radicais para o futuro. Isto não significa que ela não tenha passado. Na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a *primeira* espécie de história. E

apenas muito recentemente é que a habilidade em usar a evidência oral deixou de ser uma das marcas do grande historiador. (THOMPSON, 1992, p. 45).

A História Oral possibilita o enlace da memória com os modos de narrar, assim, o tempo dessa é aqui e agora, sendo que seu produto final é o documento. Com isso, pode-se dizer também que a História Oral é a história do tempo presente, pois se utiliza de recursos modernos para a elaboração de registros, documentos, arquivamentos e estudos sobre as experiências dos atores sociais; a História Oral filtra as experiências do passado por meio da existência de narradores no presente.

Mas talvez sua principal justificativa esteja assentada no fato de ser um processo dialógico, visto que realiza a conexão entre os entrevistados com o contexto social em que os mesmos estão inseridos. Na realidade, ela é uma prática de apreensão de narrativas, vindo a recolher testemunhos, formular documentos por meio de registros eletrônicos, favorecer os estudos sobre identidade e memória coletivas, enfim, ela é uma forma de estudar a sociedade e contribuir para a promoção de análises da realidade social através do registro e uso de entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2002, 2007).

Grande parte dos pesquisadores que trabalham com História Oral procura afirmar que ela não é apenas entrevista ou uma outra forma de fonte oral, mas um conjunto de procedimentos que principiam com a elaboração do projeto, tentando responder a três situações que orientam a realização: a – de quem?; b – como?; c – por quê? A História Oral prevê o grupo a ser entrevistado, o planejamento e a condução das gravações, a definição dos locais de pesquisa, o tempo de duração, ainda a transcrição e a passagem do oral para o escrito, a conferência do produto documento, a autorização, o arquivamento e a possível divulgação dos resultados. O *corpus* documental de uma pesquisa, seja ele a partir de fontes documentais, seja de fontes orais, tem características autônomas e funções específicas e, dessa forma, requer instrumentos interpretativos diferentes. (MEIHY; HOLANDA, 2007, PORTELLI, 1997).

A História Oral, como fundamentação documental, está pautada no fato de não existirem documentos, ainda quando existem versões diferentes da história oficial ou quando se elabora uma outra história. No que se refere ao seu estatuto, usualmente, se apontam cinco possibilidades: o uso como ferramenta, técnica, metodologia, forma de saber e disciplina, mas ainda, sumariamente, a história pode ser reduzida

a três posturas apenas: a História Oral como técnica, como disciplina e como metodologia. (MEIHY, 2002; MEIHY; HOLANDA, 2007; FERREIRA; AMADO, 1996).

A metodologia da História Oral implica procedimento organizado e com rígido caráter de investigação, desde a formulação do projeto até os resultados buscados. Como método, as entrevistas ganham forma central no estudo, elas seriam o epicentro da pesquisa, e, nesse sentido, o *corpus* documental das entrevistas pode demandar diálogos com outros documentos. (MEIHY; HOLANDA, 2007).

Assim, são muitos os intelectuais que compartilham a ideia de que História Oral seja uma metodologia, visto que estabelece e ordena os procedimentos de pesquisa aliando teoria e prática. A História Oral produz conhecimento histórico e científico, não faz apenas um relato de vida e de experiências de pessoas. (FERREIRA; AMADO, 1996; LOZANO, 1996).

A técnica metodológica Grupos Focais

A utilização de Grupos Focais – *Focus Group* – em pesquisas científicas tem se intensificado nas últimas décadas. Essa técnica metodológico-qualitativa teve sua estruturação também em meados do século XX pela sociologia de Robert Merton, no mesmo local onde nasceu a História Oral, Universidade de Colúmbia, New York, Estados Unidos. Merton, juntamente com Paul F. Lazarsfeld, se inspirou em técnicas de entrevista não direcionada e técnicas grupais usadas na psiquiatria e desenvolveu, no Departamento de Pesquisa Social Aplicada, os primeiros Grupos Focais. Atualmente, apesar de pouco usual entre os pesquisadores das ciências sociais e humanas, essa técnica metodológica é comumente utilizada pelos profissionais de *marketing*, na psicologia, assim como na área da saúde em geral. (LEWIS, 2000).

Todavia, a utilização dessa técnica para compreender o contexto sociocultural é significativa, pois permite analisar amplamente certo grupo social à medida que busca entender atitudes, preferências, sentimentos, consensos, dificuldades, necessidades ou conflitos não claros ou pouco explicitados em grupos, sejam eles categorias sociais, como no caso de jovens, ou mesmo em indivíduos com alguma identidade e homogeneidade. (GONDIM, 2006; MATTAR, 1997).

Os Grupos Focais permitem obter inúmeras opiniões de processos emocionais dentro de um contexto social, mas, como todas as outras técnicas de pesquisa, essa também possui vantagens e desvantagens. O

tempo das entrevistas deve girar entre uma hora e duas horas, visto que uma hora é pouco para que os participantes comecem a expressar consensos e mais que duas horas permite que esses dispersem a atenção e percam a concentração.

No que concerne às vantagens, os Grupos Focais permitem obter descrição global dos conhecimentos, das atitudes e dos comportamentos sociais no contexto coletivo, ajudam a perceber qual é o assunto mais importante para o grupo e qual não é, assim como o discurso real e o ideal, da mesma forma que contribuem para explorar o nível de consenso e de dissenso em um contexto social específico.

Com relação às desvantagens, uma das principais é sua limitada abrangência e capacidade de gerar resultados representativos, visto que o número de participantes é relativamente pequeno (gira em torno de dez participantes); outra desvantagem é a questão do tempo, pois esse pode não ser o suficiente para o desenvolvimento dos tópicos. Como esses tópicos podem não gerar acordos ou conclusões coletivas representativas, ainda pode ocorrer de o discurso individual ser confundido com o coletivo, quando um membro exerce fator de influência sobre o grupo. De todas essas desvantagens, cabe salientar que uma considerável é quando o *focuser*² não exerce a capacidade de liderança e de comunicação para coordenar, moderar e provocar, exitosamente, o grupo social.

O Grupo Focal segue um roteiro previamente estabelecido, assim como a História Oral. O roteiro ideal é aquele que não deve somente promover um aprofundamento progressivo, mas propiciar a fluidez de discussão com pouca intervenção do *focuser*. As regras do Grupo Focal são esclarecidas nos momentos iniciais, permitindo uma consciência e autonomia dos indivíduos no grupo, em direção à noção de coletividade.

Na realidade, a pesquisa com Grupos Focais é mais do que a soma das partes, o “grupo é antes de mais nada como uma novela, uma perspectiva sobre a vida cotidiana mostrada apenas quando se assiste a todo o programa e não apenas pela contribuição de um único ator”. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 77).

A entrevista qualitativa, seja ela em História Oral, pesquisa participante, história de vida, com o auxílio ou não da técnica *Focus Group*, deve seguir os seguintes passos: a) preparar o tópico-guia; b) selecionar o método de entrevista: individual, grupal ou uma combinação dos dois; c) delinear uma estratégia para a seleção dos entrevistados; d)

realizar as entrevistas; e) transcrever as entrevistas; e f) analisar o *corpus* do texto. (AIGNEREN, 2002; BAUER; GASKELL, 2002).

Com isso, a despeito de muitos pesquisadores trabalharem com a história e a memória de velhos e grupos sociais e étnicos em História Oral, tendo o auxílio ou não da técnica metodológica Grupos Focais (que facilita analisar o contexto coletivo), essa metodologia também pode ser empregada para os estudos geracionais de forma mais ampla, e, por que não, para o grupo social juvenil. A categoria *juventude*, apesar de não ter os contornos do *tempo passado* definidos como ocorre com os adultos e idosos e ser um conceito abrangente, encontra-se inserida no tempo e no espaço e expõe, nas suas narrativas, a experiência/vivência geracional.

As possibilidades e os limites da memória de jovens

“Eu acho bem legal de saber as histórias, sim, porque depois tu vais contar para o teu filho, é a história do teu filho também [...]”

“Sim, essas coisas são importantes, pois o que eu acho que é importante para mim, será para meus filhos e netos também, e eu acho legal a gente resgatar algumas informações e passar adiante, pensa, depois os meus bisnetos vão querer saber e não vão poder!”

“[...] quando eu tiver filhos eu não vou ter o que dizer!”

“[...] eu vou ter minha família e depois? O que eu vou falar pros meus filhos?”³

A sociologia de Bourdieu (1997, p. 695) evidenciou que entre o pesquisador e o pesquisado existe uma hierarquia de diferentes espécies de capital, sobretudo, o capital cultural, e isso se constitui, no momento da entrevista, no “mercado de bens linguísticos e simbólicos” dos quais são dotados o pesquisador e o pesquisado. A entrevista com jovens é diferente da entrevista com idosos ou adultos. Esses últimos comumente desafiam o entrevistador na memória e na lembrança de fatos históricos do passado; por outro lado, a juventude desafia o entrevistador a entender a linguagem coloquial, as gírias, as expressões verbais, os gestos e os códigos juvenis.

Se a memória de velhos muitas vezes está balizada pelo saudosismo, a memória de jovens está amparada pelo presentismo. Contudo, em ambos os casos, os valores atribuídos pelos narradores ao presente e ao passado, assim como aos fatos e acontecimentos, são de difícil

compreensão ao pesquisador. Da mesma forma que um jovem pesquisador encontra dificuldades em entrevistar velhos, um experiente pesquisador também tem dificuldades na entrevista com jovens. O aporte de bens simbólicos e linguísticos do entrevistador pode dificultar a compreensão e o diálogo com o narrador.

As pesquisas com memória de velhos já evidenciaram que é possível extrair inúmeros pontos de vista sobre acontecimentos do passado, da mesma forma que a narração de um idoso apresenta-se como uma versão não oficial sobre *alguma história* (da cidade, do bairro, de uma sociedade ou associação, etc.). É, sobretudo, a história regional e a micro-história que se beneficiam com a História Oral e a memória de velhos. Porém, a narração do passado pode ser silenciada pela morte à medida que os pesquisadores não alcançam em suas entrevistas todos os atores sociais. Nesse contexto, a memória de jovens pode ser significativa, visto que representa a narração de uma história ou passado familiar, cidadão e regional ainda acessível na sociedade.

A memória de jovens pode significar, além das memórias familiar, local, regional, pode expressar a continuidade da narrativa ou mesmo a ausência da transmissão geracional da história: herança patrimonial. A narrativa de memória de jovens pode alcançar a história e a trajetória de vida dos antepassados, todavia, se as histórias pessoal e familiar não for ressignificadas pelos jovens, pode-se levantar a simplista hipótese de que a história regional, a local e a familiar venham a findar.

A memória transmitida na forma de herança patrimonial encontra quase sempre passagem na relação intergeracional; se não houver diálogo geracional, a memória será interrompida. Porém, a memória de velhos tem vantagens em relação à memória de jovens e de adultos, pois à medida que as lembranças das pessoas idosas estão calcadas na experiência de vida, as memórias apresentam-se sobrepostas num “pano de fundo mais definido”. (BOSI, 1994, p. 60). Contudo, vale a ressalva de que se não houver diálogo intergeracional, mesmo os velhos tendo uma carga de memória significativa, essa se dissipará com a morte e cairá no esquecimento. A memória, entendida como oralidade presente na relação intergeracional, sempre se constitui em restos e rastros do passado, por meio da herança patrimonial em jovens e adultos do presente, e o esquecimento é uma condição necessária da memória.

A herança patrimonial: a juventude tem memória?

“Acho que saber a história é válido, tanto agora como para depois poder passar, acho que isso é interessante, mostra como era uma época, de alguma forma, em parte, a história da minha família explica o meu presente.”

“Com relação a lembrar das histórias, principalmente da minha família, eu me preocupo muito, eu gostaria de saber mais para contar aos meus filhos também, eu não sei mais por que... meus pais são falecidos, mas falta pesquisa, eu nunca quis investigar, mas é bom saber.”

“[...] eu acho isso interessante, muito, porque depois que meus pais morrerem eu não vou saber nada, o que eu vou contar?!”

Sem a transmissão geracional das memórias e das histórias familiar, local e regional ao jovem, pode-se dizer que se interrompe a herança patrimonial, mas isso não significa que as histórias familiar, local e regional findarão, pois sempre haverá vozes ou narrativas que minimamente expressarão memórias. A transmissão oral do patrimônio cultural, mesmo que muito reduzida, ultrapassou e continuará a ultrapassar as barreiras do tempo.

A juventude tem a memória da história que lhe interessa. O que diferencia o *velho* narrador do *jovem* narrador, talvez seja o *valor* que esses atribuem à *história*. Apesar de os jovens estarem permeados pelos preceitos do mundo hodierno, que implica a valorização do presente, simultaneidade de comunicação e informação, livros e jogos virtuais, entre outros, essa juventude, como seus antepassados, não consegue se desprender, na maioria das vezes, de referências como as familiares, as históricas, as culturais e/ou as identitárias.

Para Bourdieu (CATANI; NOGUEIRA, 1998) a figura dos pais é sujeito e instrumento de um projeto que é transmitido inconscientemente como forma de herança.⁴ Mas a herança, sobretudo a herança cultural, nas palavras de Bourdieu (2004, p. 36) “se transmite de manera más discreta y más indirecta e incluso con ausencia de todo esfuerzo metódico y de toda acción manifiesta”. O sociólogo ainda destacou que os grupos sociais se apropriam de um *habitus* que funciona como memória coletiva, assim, esse é um instrumento “que tende a reproduzir nos sucessores o que foi adquirido pelos predecessores”, a hereditariedade social procura transcender “os limites da finitude biológica no sentido de salvaguardar sua maneira distintiva de existir”. (CATANI; NOGUEIRA, 1998, p. 113).

Em recente pesquisa sobre a memória e a história de jovens na condição de migrantes e herdeiros da migração numa cidade de porte médio no Sul do Brasil, Santa Cruz do Sul/RS,⁵ constatou-se que a juventude, por estar distante de sua parentela e cidade natal, afrouxa seus laços memoriais e se distancia de sua história, sobretudo quando se encontra em *foyer* monoparental ou quando seus pais são falecidos. Por outro lado, a juventude, quando enfrenta algum tipo de “violência simbólica”,⁶ seja por não compartilhar a memória e a história locais, seja por não se identificar com os discursos normativos presentes na sociedade acolhedora e estabelecida,⁷ comumente recorre à narração da história familiar, ou até mesmo incita a memória, o passado e a identidade regional gaúcha. A seguir algumas narrativas destacadas:

“Eu me sinto totalmente fora quando as pessoas vêm falar alemão comigo, eu não me sinto uma santa-cruzense.”

“Eu estava pensando agora, eu sempre falo com o meu irmão, quando a gente passa pelas pessoas mais velhas na rua, geralmente estão falando alemão, eu acho que isso é típico santa-cruzense, da colonização alemã, mas, sei lá, me dá meio que uma raiva [risos], sei lá, eu penso que se tu queres falar alemão então vai para a Alemanha.”

“Eu sou gaúcha, depois brasileira e depois santa-cruzense, bom, como vou explicar, eu moro no Rio Grande do Sul, é o meu lugar, tem as pessoas que têm os mesmos costumes de tomar chimarrão, de escutar certa música, tem a dança, eu acho lindo a dança gaúcha, tem o vestido, bá, muito bonito! Bom, eu acho que é o jeito da gente falar, é diferente, a gente fala meio cantado, a gente não fala aquele ‘ich!’”

Os processos migratórios, sejam eles recentes, sejam eles consolidados há mais gerações, como é o caso da colonização germânica, italiana, polonesa, entre outras no Rio Grande do Sul, implicam uma adaptação *in loco* nem sempre harmoniosa. Mas a migração contribui para oxigenar uma sociedade, como é o caso da cidade de porte médio de Santa Cruz do Sul (RS), que se configurou e se configura como o maior ponto de destino da migração no Vale do Rio Pardo por conta de seu parque industrial tabagista, que se desenvolveu significativamente no último quartel do século XX. A história urbana de Santa Cruz do Sul refere-se à formação da colônia agrícola germânica fundada em 1849. Apesar de o seu desenvolvimento ser atribuído pela historiografia e pelos discursos normativos locais à imigração alemã, Santa Cruz do Sul, atualmente, possui um contingente populacional migrante com feições

de alhures, que habita os bairros periféricos e que está permeado pelo desejo de uma vida melhor, e não se associa, em muitos casos, à história e à memória de tradição *germânica* que possa ser vinculada à cidade.⁸

Neste início de milênio, a população total do município atingiu quase cento e vinte mil habitantes, sendo que 90% deles encontram-se no meio urbano. (FEE/RS, 2006). Porém, como ponto de destino de muitas famílias migrantes oriundas de outras regiões e municípios, Santa Cruz do Sul passou de uma cidade de imigrantes alemães a migrantes nacionais, de rural a predominantemente urbana; assim, a memória do desenvolvimento de Santa Cruz do Sul parece estar afinada com um discurso nostálgico e conservador que situa os aspectos positivos do desenvolvimento regional ao passado (imigração alemã) e os obstáculos, desafios e problemas ao presente (urbanização, industrialização, periferia, migração).⁹

Se, por um lado, os jovens migrantes e herdeiros da migração não encontram seu passado familiar, sua história e suas memórias neste local (Santa Cruz do Sul), por outro, é inegável que são *homo situs*. (ZAOUAL, 2006). Quando o migrante se desloca no espaço e se insere numa nova sociedade em busca de melhores condições de vida, carrega consigo suas referências de história e memória, porém, a juventude acaba tendo como referência seus pais (família). É nesse contexto que a herança patrimonial se ressignifica e os vínculos mnemônicos se evidenciam ou se distanciam, dependendo do diálogo intergeracional e das relações sociais de inserção com a sociedade hospedeira.

A performance das narrativas juvenis indicou que a herança patrimonial em jovens residentes em *foyer* monoparental diferencia-se dos jovens em *foyer* biparental, pois entre os primeiros a ausência de diálogo intergeracional comprometeu a transmissão da herança e o conhecimento sobre a história e as memórias materna e paterna.

As narrativas juvenis apontam que a herança patrimonial juvenil está dividida entre a noção pragmática – que tem na história do tempo presente a afirmação da trajetória familiar fragmentada e descontínua –, e a noção idealista – que indica que a memória dos jovens é factual e expõe um certo “hiato de memória”.¹⁰ Tanto o patrimônio juvenil (influenciado pela migração) quanto o patrimônio local (tradição germânica) apresentam-se balizados pela noção de tempo e espaço em descaixe, pois o patrimônio da comunidade santa-cruzense assenta-se sobre a tríade: colonização alemã, indústria do fumo, e desenvolvimento regional, enquanto o patrimônio juvenil baseia-se na migração, na trajetória e no desenvolvimento familiar.

Algumas narrativas juvenis evidenciam o que foi supracitado:

“Acho que as únicas coisas que eu vou poder falar para os meus filhos foi a minha convivência com os meus pais e meus primos, é isso. A minha mãe também não falava da avó dela ou da origem da família, então, por pior que seja, a história de cada um vai morrer, a cada geração vai morrendo um pouco, assim como para os meus filhos eles não vão saber dos meus avôs e avós, talvez os meus netos não vão saber de mim. Isso é lamentável, mas é assim, pois é difícil alguém chegar e dizer, o meu tataravô era assim, minha tataravó era assado, porque vai se distanciando cada vez mais, cada um que passa vai morrendo um pouco da história e é assim com nós aqui e é assim com todo mundo!”

“Quanto mais distante ficar, mas vai morrendo a história [...]. O que pode ser feito é eu passar para os meus filhos a minha história e da minha mãe e dos meus avôs, e isso ir um pouco adiante, mas sempre se perde. [...] Mas voltando a essa questão de esquecer, eu acho muito ruim, depois meus filhos vão me perguntar alguma coisa e eu não vou saber responder direito, e dizer pouca coisa é ruim, pois indica que estamos perdendo a nossa história.”

“Eu até poderia saber mais, mas eu não conheci nenhum dos meus avôs paternos, até a minha mãe conheceu somente o sogro dela, pois a minha avó faleceu 8 anos antes dos meus pais se casarem, e com os meus avôs maternos, somente tive contato com a minha avó, pois o meu avô eu não conheci, e outra, a minha avó não é muito de falar, então a única coisa que sei é que eles eram de Passo do Sobrado e Rio Pardo, e depois foram para Soledade, porque a minha mãe nasceu lá, depois foram para Canoas, e meu avô faleceu ali, e a minha avó mora até hoje lá.”

“Acho que uma das coisas que a gente aqui tem em comum é que todos os nossos pais escolheram uma cidade melhor, não foi?! E cada família tem os vínculos cortados, seja com os parentes, avós e tios, com os pais, enfim, isso explica porque a gente sabe tão pouco, não adianta somente eu perguntar para minha mãe, ela não sabe tudo, então, se tivéssemos oportunidades de conversar com nossos parentes, avós e tios, perguntar como foi seria perfeito, só que pelo fato de nossas famílias estarem separadas, fragmentadas, isso é o verdadeiro problema.”

Algo de interessante que emergiu nas narrativas juvenis foi o apelo à história e à identidade regional “gaúcha” como subterfúgio mnemônico

dos herdeiros da migração. Ainda assim, metade dos jovens entrevistados¹¹ evidenciou o desejo de *separatismo*, inspirado no que conhece da *história* do Rio Grande do Sul e da Revolução Farroupilha. Vejam-se as narrativas:

“Acho que o gaúcho sempre lutou pelo o que quis, sempre lutou pela terra, em toda a história do Rio Grande do Sul sempre, como a gente fala, foi a ferro e fogo. Isso eu acho legal, que nem o gaúcho na Revolução Farroupilha lutou durante dez anos.”

“Tanto que nós tivemos a Guerra dos Farrapos que só porque o Brasil aceitou o tratado que o Rio Grande não se tornou um país porque era uma guerra de independência.”

“Eu também, eu sou gaúcho! Para nós a Revolução Farroupilha foi o máximo, nós achamos que os caras eram os melhores do mundo, esses tempos eu li um livro no qual o cara ridicularizou como se fôssemos os mais idiotas, então eu fiquei indignado com o cara, acho que todos nós ficaríamos [...] o gaúcho adora a Revolução Farroupilha.”

“Não somente amor pelo Estado, não só pela cultura, mas pela história do Rio Grande do Sul, não porque se revoltou contra o Brasil, mas pela forma que foi feito, pelo sangue derramado, isso é uma coisa bonita, o gaúcho sempre lutou pelo ideal dele, até não adiantou muito, porque continuou junto com o Brasil, mas é uma luta, não pela guerra em si, mas pela luta. Somos um povo guerreiro.”

“Sim, parece que o 20 de Setembro é mais importante que o 7 de Setembro.”

“[...] com relação à história do Rio Grande do Sul, a gente tem orgulho de dizer.”

A noção pragmática juvenil está estreitamente ligada a uma visão objetiva de mundo, norteadas pelo já mencionado presentismo, porquanto os jovens estão permeados por memórias fragmentadas e descontínuas de suas famílias, de suas origens e de sua identidade. Mas a noção idealista indica uma postura ideal de história ou história ideal, e é nesse contexto que os jovens recorrem ao que para eles é *sua história*, ou seja, o *lutador* e *guerreiro* gaúcho da Revolução Farroupilha. É perceptível que a juventude migrante e herdeira da migração, por estar longe de seus

vínculos familiares de origem, investe naquilo que reconhece como sendo a sua *história*.

A memória que a *juventude* narrou talvez não seja aquela que os *velhos* ou mesmo seus próprios *pais* narrariam, porém, quantas outras histórias foram esquecidas pelos jovens do passado? Quantas outras histórias submergiram com os deslocamentos humanos, com a colonização, com a migração, com a urbanização, com a industrialização? Enfim, a memória depende da herança patrimonial, dos laços afetivos e sociais de identidade e pertencimento e está em constante resignificação, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento; a construção da memória dos homens eleva-se entre dois polos: o da transmissão oral viva e o da conservação pela escrita, sendo a primeira frágil, e a segunda, mais duradoura, mas as duas são ausência; assim, o lembrar é tão necessário quanto o esquecer. (GAGNEBIN, 2006; SANTOS, 2003). “Funes, o memorioso”, ainda não se fez presente nas vozes da humanidade, a não ser na literatura de Borges (2001).

Considerações finais

A despeito das dificuldades que são expressivas ao se realizar uma pesquisa sobre a história e a memória da juventude, sendo o narrador um jovem, e não um adulto ou idoso, utilizando a História Oral como metodologia e uma técnica metodológica como o *Focus Group* para facilitar a narrativa, a discussão, o consenso e o dissenso, é possível compreender que os jovens de hoje representam os *velhos* de amanhã, suas narrativas são e serão moldadas pelas vivências individuais e coletivas.

A História Oral pode ser aplicada em pesquisas com jovens, obviamente que os objetivos e resultados não serão os mesmos que uma pesquisa com atores sociais adultos ou idosos, mas a juventude pode ser a narradora de sua história, pois a juventude também possui memória. Assim, essa metodologia pode abrir espaço para pesquisas de longevidade, como já ocorre comumente entre pesquisadores de outros países.

Notas

¹ A História Oral se solidificou a partir da Segunda Guerra Mundial, na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, mas esse impulso não deixa de estar associado também à renovação teórico-metodológica que a disciplina História sofreu a partir de 1929 com o lançamento da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale* pela iniciativa de Lucien Febvre e Marc Block. “A expressão *nouvelle histoire* que já se prestou a tantos equívocos, nós a utilizaremos no sentido sugerido por Le Roy Ladurie e Furet: ela designa a história sob influência das ciências sociais, que começou a ser elaborada a partir do debate entre sociólogos, filósofos, geógrafos e historiadores, no início do século XX, e se corporificou na revista de história.” (REIS, 2000, p. 65). Nesse sentido, a Nova História, através da *École des Annales*, apresentou teses inovadoras como a “história-problema”, a “história-total”, a “interdisciplinaridade” e o alargamento do campo das fontes históricas e o fato histórico como construção teórica. O historiador teve ampliado o seu espaço de atuação: “A história para ele pode ser feita com todos os documentos que são vestígios de passagem do homem. O historiador não pode se resignar diante de lacunas na informação e deve procurar preenchê-las. Para isso, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo.” (REIS, 2000, p. 77). Com isso, o historiador, assim como inúmeros pesquisadores das diversas áreas do conhecimento, utiliza a História Oral como fonte histórica ou como método para estudos contemporâneos na sociedade.

² Segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 22), *focusers* “são pessoas que realizam pesquisas com grupos focais”.

³ Essas narrativas foram extraídas da combinação do uso da metodologia História Oral com a técnica *Focus Group* na pesquisa de Mestrado “A representação juvenil do desenvolvimento regional: estudo de caso em Santa Cruz do Sul/RS”, realizada com jovens na condição de migrantes e de segunda geração (herdeiros da migração), desenvolvida pela autora no ano de 2007, na cidade de Santa Cruz do Sul (RS) e defendida em 2008, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional na Unisc.

⁴ A categoria *herança* se entrelaça com a categoria *patrimônio*, pois a própria palavra *patrimônio* deriva de *pater*, e a herança é transmitida, na sua forma mais tradicional, de pai para filho. Existe uma estreita relação de patrimônio com a ideia de herança: algo a ser deixado ou transmitido para as futuras gerações. Assim, a herança significaria a passagem de um *status* social e patrimônio entre membros de um grupo. (CANANI, 2005). O patrimônio como herança é abrangente e se refere a bens materiais ou imateriais presentes numa sociedade. Além do patrimônio material, a memória, os ritos, a história oral, as lendas, as músicas e as canções compõem o que se chama “patrimônio cultural imaterial”. (CHOAY, 2001; GONÇALVES, 2005; LEVI, 2000).

⁵ Pesquisa realizada com estudantes do último ano da Educação Básica (terceiro ano do Ensino Médio) de cinco escolas públicas e privadas (centrais e periféricas) e provenientes de classes sociais distintas.

⁶ O conceito de violência simbólica é uma “chave-mestra” para a compreensão das relações de poder e dominação, e essa

violência está presente em instituições, inclusive na escola e nos discursos normativos, ou mesmo entre as relações de migrantes (*outsiders*) com estabelecidos (sociedade hospedeira). (CATANI; NOGUEIRA, 1998; VASCONCELOS, 2006; ELIAS; SCOTSON, 2000).

⁷ A pesquisa apontou que os jovens narradores, sobretudo migrantes, se sentiam incomodados quando se deparavam com santa-cruzenses que falavam a língua alemã no cotidiano, ou mesmo por não compartilharem da identidade e das tradições germânicas desses estabelecidos.

⁸ A migração se refere aos movimentos geográficos de indivíduos e grupos que, em sua maior parte, buscam por meio da expectativa de mudança alcançar um aumento de satisfações e uma diminuição de privações. Essas migrações ou deslocamentos propiciam o crescimento de centros urbanos, o êxodo rural, a expansão de fronteiras agrícolas e o povoamento do território. À medida que os movimentos de população – de um lugar para outro – são um fenômeno muito antigo, o migrante, na maioria das vezes, não se mobiliza sozinho e acaba contribuindo para a transformação da sociedade hospedeira. Porém, o processo de inserção e assimilação dos migrantes nas comunidades nem sempre ocorre de forma harmônica, muitas vezes, desvela hostilidades e se defronta com movimentos racistas ou xenófobos, assim como com variadas formas de violência que dependem das circunstâncias socioculturais, econômicas e políticas. A migração de indivíduos não representa apenas uma mobilidade espacial, mas também uma mobilidade social. Os indivíduos não apenas se deslocam de um local para outro, mas de um grupo social para outro; assim,

os migrantes, além de se mobilizarem espacialmente, se mobilizam socialmente e encaram o papel de recém-chegados numa sociedade formada por grupos com tradições já estabelecidas. A mobilidade social tem um amplo sentido, mas geralmente diz respeito aos movimentos ou deslocamentos de indivíduos de uma camada ou classe social a outra. Convém ressaltar que os filhos dos migrantes – aqueles que nascem no local de destino da migração familiar – são comumente chamados de “segunda geração”. (SILVA, 1986, p. 756-771; BOTTOMORE; OUTHWAITE, 1996, p. 466-472; ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 174; BOURDIEU, 2000, p. 750).

⁹ É nesse contexto que uma pesquisa, com o uso da História Oral e da técnica *Focus Group*, sobre a memória e a história de jovens migrantes e herdeiros da migração acusa um descompasso entre passado e presente dos migrantes e da cidade. Em Santa Cruz do Sul, como em outras cidades emergentes brasileiras, os migrantes fazem parte de uma história recente, ou seja, são presente e futuro, e não, passado e origem, pois a questão da história e da memória alicerça-se na questão temporal, assim, estar fora do tempo passado é, talvez, justificativa para estar fora da memória coletiva da cidade, mesmo sabendo que cada indivíduo tem uma memória individual e se encontra fisicamente inserido na sociedade.

¹⁰ Quando se utiliza a expressão “hiato de memória”, não significa ausência de memória ou que os jovens não tenham memória, mas que a memória juvenil está envolta por memórias factuais ou pontuais.

¹¹ De um total de 40 entrevistados em cinco Grupos Focais.

Referências

- ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-201.
- AIGNEREN, Miguel. *La técnica de recolección de información mediante los grupos focales*. Biblioteca Virtual en Población, Centroamericano de Población. 2002. Disponível em: <http://ccp.ucr.ac.cr/bvp/texto/14/grupos_focales.htm>. Acesso em: 26 set. 2006.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Globo, 2001.
- BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.
- BOURDIEU, Jérôme et al. Migrations, réseaux, patrimoine: renouveler les perspectives: migrations et transmissions inter-générationnelles dans la France du XIX^{ème} et du début du XX^{ème} siècle. *Annales – Histoire, Sciences Sociales*. École des Hautes Études en Sciences Sociales. Paris, 55^{ème} Année, n. 4, p. 749-789, juillet/Août, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693-732.
- _____; POSSERON, Jean-Claude. *Los herederos: los estudiantes y la cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANANI, Aline S. K. B. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-832005000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2006.
- CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (Org.). *Pierre Bourdieu: escritos em educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, Edunesp, 2001.
- FERREIRA, Marieta de M. *História oral: um inventário das diferenças*. In: _____. (Coord.) *Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994. p. 1-13.
- _____; AMADO, Janaína (Org.). *Apresentação*. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 12-25.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2000.
- FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

- GONCALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2006.
- GONDIM, Sônia Maria G. *Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos*. Disponível em: <<http://ffclrp.usp.br/paideia/artigos/24/03.doc>>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEWIS, Melinda. *Focus Group interviews in qualitative research: a review of the literature*. Action Research E-Reports. The University of Sidney. September, 2000. Disponível em: <<http://www2.fhs.usyd.edu.au/arow/o/m01/rlewis.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2008.
- LOZANO, Jorge E. A. Prática e estilos de pesquisa na História Oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 15-25.
- MATTAR, Fauze N. *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas, 1997.
- MELUCCI, Aberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Manual de História Oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente: projeto História – *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História/PUCSP*, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.
- SILVA, Benedito; MIRANDA NETTO, Antônio G. et al. *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 1986.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação Sociológica*, Campinas, v. 23, n. 78, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2006.
- ZAOUAL, Hassan. *Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: DP&A; Consulado Geral da França; Coppe/UFRJ, 2006.

Artigo recebido em 25 fevereiro de 2009. Aprovado em 1º de abril de 2009.